



# A realidade “com um parafuso a mais”: teoria construcionista x revista *piauí*

*Reality “with a tight screw”: constructionist theory x piauí magazine*

Géssica Gabrieli Valentini<sup>[a]</sup>, Jorge Kanehide Ijuim<sup>[b]</sup>

<sup>[a]</sup> Jornalista Graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestranda em Jornalismo também pela USFC, Florianópolis, SC - Brasil, e-mail: gessicavalentini@yahoo.com.br

<sup>[b]</sup> Professor do Programa de Mestrado em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC - Brasil, e-mail: ijuim@cce.ufsc.br

---

## Resumo

Este artigo analisa a construção da realidade na revista *piauí*, a partir da teoria construcionista. Por meio de alguns textos jornalísticos, escolhidos aleatoriamente, observa-se que a teoria ajuda a compreender diversos aspectos da singularidade do veículo de comunicação, cuja realidade é construída com pautas incomuns, enfoques diferenciados e humor. Por outro lado, mostra também que há lacunas teóricas que ainda precisam ser discutidas e preenchidas. As considerações finais colocam em questão alguns aspectos da teoria, bem como motivam a elaboração de novos estudos para a compreensão da complexidade da construção da realidade no jornalismo.

**Palavras-chave:** Revista *piauí*. Teoria construcionista. Teorias do jornalismo.

## Abstract

*This article analyzes the construction of the reality in piauí magazine, from the constructionist theory. Through some journalistic texts, chosen randomly, it observes that the theory helps to understand diverse aspects of the singularity of the communication vehicle, whose reality is constructed with uncommon guidelines, differentiated approaches and mood. On the other hand, sample also that it has theoretical gaps that still needs to be argued and to be filled. The conclusion questions some aspects of the theory, as well as motivates the elaboration of new studies for understanding the complexity of the construction of reality in journalism.*

**Keywords:** Constructionist theory. Piauí magazine. Journalism theories.

## Introdução

Desde o surgimento da primeira revista, *As Variedades*, editada em 1812, o mercado editorial brasileiro acompanhou a emergência e o desaparecimento de uma vasta quantidade de publicações. Decorridos quase dois séculos, somente auferidos pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC) há mais de 600 títulos diferentes. A maioria, no entanto, tão efêmera quanto outras que já deixaram de ser editadas e sequer são citadas na história da imprensa.

Por outro lado, é possível aferir, por meio de registros, que aquelas que tiveram um papel proeminente destacaram-se por terem uma linha editorial diferenciada, sobretudo por inovações no texto. É o caso de *O Cruzeiro*, que, de acordo com Scalzo (2004), introduziu a reportagem, e também da *Realidade*, que a mesma autora declara ter se apropriado do gênero e construído reportagens com um padrão até então desconhecido no País. Posteriormente, apesar do crescimento quantitativo de publicações, poucos veículos de comunicação foram concebidos com o propósito de serem diferenciais, como foi o caso da *piauí*, criada em outubro de 2006.

A revista nasceu da constatação do idealizador, o cineasta e editor João Moreira Salles, com a ajuda de alguns amigos, de que não havia no Brasil nenhuma publicação que reunisse tudo o que gostava de ler: bons textos de ficção, reportagens com abordagens e temas variados, quadrinhos, entre outros, que se materializaram com a criação do veículo.

Assim, enquanto surgem revistas para jovens, mulheres, crianças ou especializadas em saúde, boa forma, em *piauí* valem todos os temas: política, esporte, telenovelas, saúde, arte, odontologia. Tudo pontilhado com humor e toques artísticos. Afinal, como traz o slogan, a revista é feita “para quem tem um parafuso a mais”.

Por tudo isso *piauí* torna-se um objeto de estudo rico e instigante. As descrições do ambiente, de características físicas, mas também psicológicas e o relato tão minucioso como se o leitor estivesse presente na cena, são características encontradas em boa parte dos textos. Ao mesmo tempo, a narrativa também interage com os sentidos, fazendo pensar e, em alguns casos, até sentir cheiros e gostos. Há, portanto, uma estética que, conjugada à ética e à preocupação com a veracidade, se traduz em beleza e prazer de ler.

As valorações tendem a ser positivas e suscitam a necessidade de definir novos contornos

das suposições e hipóteses. Assim, este artigo utiliza como método a revisão bibliográfica e o estudo de caso e analisa algumas matérias da revista, escolhidas de forma aleatória, de acordo com o pensamento de Berger e Luckmann (1987), Tuchman (1983, 1993), Traquina (1993, 2001), Alsina (1989), entre outros, que compartilham um pensamento similar baseado na realidade como uma construção social e servem de base na busca pela compreensão da singularidade da *piauí*.

## A teoria construcionista

Segundo Schudson (1988), para compreender as notícias é preciso conciliar várias explicações. Isoladamente, cada um desses argumentos é insuficiente, mas juntos eles nos ajudam a entender a complexidade do jornalismo. Hoje, a teoria mais completa, para autores como Traquina (2001), é a teoria construcionista, mas historicamente muitas outras surgiram para responder a pergunta: por que as notícias são como são?

Conforme Traquina (1993, p. 133), inicialmente o fazer jornalístico foi tratado como espelho da realidade. Inspirados pelo positivismo de Comte, os profissionais da época se ampararam na concepção de uma única verdade, acreditando que os jornalistas “limitam-se a recolher a informação e a relatar os factos, porque, enfim, os jornalistas são simples mediadores que reproduzem o acontecimento na notícia”.

Já David Manning White, na década de 1950, adaptou da psicologia o conceito do *gatekeeper*, que se refere à pessoa que toma as decisões. Traduzindo, a metáfora significa que o jornalista é o “porteiro”, que seleciona as informações e decide o que será notícia e, portanto, é responsável pela construção da realidade.

Depois disso surge a teoria organizacional, que percebe as notícias como resultado dos fatores organizacionais, como a política editorial, o ambiente, as hierarquias, a cultura profissional, além da estrutura e recursos humanos e financeiros disponíveis. Nesse sentido, notícias são consequência de uma conjugação de forças determinadas pelas organizações que limitam a ação do jornalista.

Já a teoria da ação política sustenta que as notícias são capazes de distorcer a realidade. Para Jorge Pedro de Sousa (2004), há duas versões que explicam essa corrente. A primeira defende que isso ocorre porque os jornalistas estão sujeitos a um controle

ideológico, sendo somente instrumentos para a sustentação do *status quo*. A segunda propõe que as notícias seriam distorcidas porque refletem as convicções dos jornalistas e suas ideologias profissionais.

A teoria estruturalista avança um pouco mais, definindo a notícia como um produto socialmente construído, porém, ainda acreditando que ela reproduz a ideologia dominante e legitima o *status quo*. Sousa (2004) explica que isso acontece por causa da reduzida autonomia dos profissionais e órgãos de comunicação, que possuem uma cultura rotinizada e burocratizada – uma estrutura rígida – e estão sujeitos ao controle dos chefes e da classe dominante.

Ao contrário, para a teoria interacionista o mesmo autor explica que as notícias são o resultado de um processo de percepção, seleção e transformação dos acontecimentos. Os jornalistas não são considerados passivos, embora trabalhem sob a pressão do tempo, partilhando uma cultura profissional e uma autonomia relativa.

No fim da década de 1960 e início da década de 1970, têm início as discussões sobre a teoria construcionista. Traquina e Sousa concordam que essa é a mais completa para explicar ou o fazer jornalístico. Trata-se do conceito de notícias como histórias construídas a partir da realidade, por meio de artefatos linguísticos, organizacionais, sociais, culturais e a aceitação do jornalismo como um complexo sistema engendrado por diversos agentes. Para os construcionistas, a realidade não é refletida, mas o próprio jornalismo seria responsável por construí-la.

É importante ressaltar que, ao lançar um olhar sobre as teorias, é possível perceber que foram ora divergindo, ora complementando-se, e até mesmo autores com pensamentos semelhantes, como Traquina e Alsina, muitas vezes percorrem caminhos distintos em suas argumentações.

Contudo, ambos compartilham a ideia de que rejeitar a teoria do espelho não significa admitir que as notícias não sejam verdadeiras – afinal, o jornalismo encontra seu referencial na realidade –, mas aceitar a existência de pontos de vista e diferentes formas de contar o mesmo fato. Nesse sentido, Alsina (1989, p. 18) define o jornalismo como uma atividade especializada na construção da realidade social, e a notícia, como uma “representación social de la realidad cotidiana que se manifiesta en la construcción de un mundo posible”. Já não se trata da própria realidade, mas uma representação dela.

Tuchman (1983) também se apoia em Alsina e Schütz para explicar as “múltiplas realidades”, citada

pelos autores. Ambos se amparam na sociologia interpretativa para dizer que no processo de produção jornalística interferem três mundos distintos, mas imbricados. O primeiro é o “mundo real”, ou seja, a fonte dos eventos jornalísticos. O segundo é o “mundo de referência”, que engloba todos os elementos necessários à compreensão do evento. O resultado é o “mundo possível”, construído a partir do mundo real e do mundo de referência escolhido.

Esse cabedal diz respeito aos já citados mecanismos de construção histórica e imaginária da sociedade contemporânea, referenciados pelos diversos agentes envolvidos na construção da realidade: jornalistas, sociedade, cultura, organização, tempo, recursos técnicos, linha editorial, entre outros aspectos que influenciam a produção jornalística e são responsáveis pelo produto final, ou seja, o mundo possível.

Trata-se de um esforço mútuo, que Schudson explica como o resultado do trabalho de “pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos” (SCHUDSON apud TRAQUINA, 2005, p. 170-171).

Esse conceito poderia explicar a reprodução de formatos e conteúdos, assim como temas, pautas e formas de apuração. Por outro lado, cada profissional ou leitor é singular e, apesar de fazer parte desta lógica inconsciente do sistema cultural, cria e recria os próprios significados. É nesse sentido que a teoria construcionista se diferencia de outras, considerando cada ator como as peças de uma engrenagem, todas com relativa força e uma função essencial.

Os textos da revista *pianuí* são construídos com base na experiência, preocupando-se em ir muito além da simples informação. Por esse motivo, até mesmo alguns aspectos da teoria construcionista são colocados em xeque pela estrutura das narrativas, tornando o “mundo possível” um paradigma ainda a ser estudado, pois mesmo com as reflexões existentes há lacunas que não foram preenchidas.

## A construção da realidade na revista *pianuí*

Moreira Salles (2007) admite que a *pianuí*, de circulação mensal, foi criada com a intenção de ser uma revista singular. Na mesma edição, como a de dezembro de 2006, há temas como os bombardeios

israelenses em Gaza, na página 70, e os mitos e perigos do crescimento do pênis, na página 18. Talvez isso explique a heterogeneidade do público, pois, de acordo com o IVC, 14% são jovens de 20 a 24 anos, mas também há pelo menos 6% dos leitores que passam dos 80.

Manusear a revista é ingressar em uma leitura vertiginosa, em que muitos aspectos da sociedade contemporânea ganham contornos diferenciados e a realidade é construída com um toque de arte. Ao conhecer o fazer jornalístico por meio do relato de seus profissionais, isso se torna ainda mais evidente, principalmente utilizando conceitos existentes, como rotinas produtivas e agendamento, que se mostram insuficientes para explicar alguns aspectos da *piauí*.

A pesquisadora Tuchman (1983), uma das primeiras a refletir sobre o *newsmaking* e a perspectiva construcionista, tentou explicar o fazer jornalístico por meio de três fatores: espaço, tempo e fontes, o que, por sua vez, determina o agendamento dos temas.

Um dos estudos que acompanham essa reflexão é o *agenda-setting*, ou agendamento. De acordo com esta teoria, apresentada por Maxwell E. McCombs e Donald L. Shaw, os temas tratados pela imprensa agendam os temas que as pessoas discutem. Isso aumenta a responsabilidade da mídia, embora muitos aspectos sejam determinantes na hierarquização de temas e também a forma como são tratados.

Nessa perspectiva seguem as argumentações de Traquina (2001, p. 75), para o qual os profissionais, “confrontados com abundância de acontecimentos e escassez do tempo, lutando para impor ordem no espaço e ordem no tempo”, acabam criando uma rotina de “previsibilidade”, denominadas “rotinas produtivas”. Seriam esses procedimentos rotineiros “rituais estratégicos” que poderiam e deveriam evitar erros, críticas e até mesmo a má fé de profissionais e da organização (TUCHMAN, 1993).

Para Fontcuberta (1999, p. 106), essas rotinas seriam algo inerente à profissão, “vistas como o preço da urgência imposta pelo trabalho com factos da actualidade e como imperativos do próprio processo de produção mediática”. Ao mesmo tempo, esses rituais são considerados apenas parte de todo o complexo sistema jornalístico, extrapolados em alguns casos, por diversos fatores, como acontece com o objeto de estudo deste artigo.

Uma das diferenças de *piauí* em relação a outros meios de comunicação é o tempo destinado à apuração. De acordo com os editores, após a definição

da pauta há um período quase indeterminado para a reunião de dados, entrevistas com os envolvidos e o que for necessário para atender ao objetivo: contar bem uma história.

A reportagem “Voluntário número 13”, da edição de abril de 2007, inicia com um relato que evidencia a data da apuração: “O 24 de setembro é feriado em Barcelona, dia da virgem da Mercê, padroeira da cidade” (D’ÁVILA, 2007, p. 44). O repórter Marcos D’Ávila conta, em cinco páginas, a trajetória de vários dias como voluntário em uma pesquisa para utilizar a *ayahuasca* para fins terapêuticos. No Brasil, a planta é usada por grupos religiosos como o Santo Daime e é famosa pelos efeitos enteógenos.

Na reportagem, que demorou pelo menos sete meses até ser publicada, fica evidenciado também um dos objetivos da *piauí*, conforme o site da revista: levar a informação sem o vício do comentário pessoal. Há impressões do repórter, mas, neste caso, é parte imprescindível da matéria, pois é o relato de sua experiência, como no trecho:

Rafael traz mais treze cápsulas. Basta por a primeira na mão e meu olfato de sommelier deflagra: é ayahuasca. Levo mais tempo para engolir. Medo. Três minutos no escuro. O medo mata o amor. A pergunta não para de martelar. Aonde vai o amor quando acaba? Lembro de uma das lendas mexicanas do livro do *viejo* Antonio. A história das perguntas. Um Deus com duas caras que quer saber qual é a origem do mundo. Uma faz uma pergunta, e a outra responde com outra pergunta. [...] Lembro das imagens do conflito de Oaxaca, que estavam no noticiário daquela semana. Minha mente se transforma em um pára-raio de desgraças (D’ÁVILA, 2007, p. 47).

Delineia-se aqui um modo peculiar de descrever um fato, permeado pelo humor. Os rituais estratégicos propostos por Tuchman são substituídos pelo relato, como também acontece na reportagem “Xilindró *alla Volterrana*”, da edição de novembro de 2007, do jornalista Marcos Sá Correia: “Às nove e meia, hora do café da manhã do Hotel Nazionale em que apita sem parar a máquina de espresso, no outro lado da rua, o maître Gianni Tatti abre a Enoteca Del Duca para o almoço” (CORREIA, 2007, p. 54).

Neste e outros casos, a narrativa perpassa a opinião e assume um tom pessoal, porque carrega a força da experiência dos personagens e do próprio

repórter. Como narrador, o jornalista demonstra que sua preocupação não é apenas informar, mas atribuir significados, como definiu Schudson sobre o resultado do trabalho jornalístico. Mais do que isso, trata-se de um fazer jornalístico que abrange a eficiência das técnicas consagradas no jornalismo e o brilho da sensibilidade profissional diante do mundo.

As pautas também extrapolam o conceito de agendamento, à medida que saem do comum ou previsível, como acontece ao abrir, num mesmo dia, semana ou mês, vários jornais e revistas da mesma cidade ou país. Até mesmo quando o tema é esperado, o humor inteligente e outras características da linha editorial diferenciada aparecem para que o relato seja diferente. Na época em que Michael Jackson morreu, por exemplo, em vez de várias páginas de informações e fotos, apenas a chamada de capa: “Nenhuma linha sobre Michael Jackson” (PIAÚÍ, 2009). Também é fundamental levar em conta, além do humor, a ironia, presente em toda a publicação. Está aí uma linha contrariando a própria afirmação de que isso não aconteceria na revista. Há também uma afronta à enxurrada de informações sobre o ídolo pop em outros veículos de comunicação.

Assim, apesar de contrariar alguns aspectos da teoria construcionista, há traços que iluminam seus valores-notícia, o agendamento, mas desestabilizando posições, na medida em que colocam as referências em lugares diferentes. De acordo com Gadini (2007), o jornalismo é constituído pelo simultâneo imbricamento dos aspectos singulares, universais e particulares presentes em toda e qualquer situação fenomênica, portanto implica, sempre, um recorte temático que redesenha o mundo social a partir de um determinado enfoque. É também o “enfoque” um dos diferenciais da revista.

Outra característica importante é que não há a preocupação com a notícia quente, embora as matérias reflitam atualidade e contemporaneidade, mesmo se tratando de fatos históricos, como a matéria sobre o jornalista que “inventou” Fidel Castro. Em outubro de 2006, época em que o líder cubano causava alvoroço na mídia por se afastar temporariamente do cargo e deixar um sucessor da mesma família, a jornalista Dorrit Harazim recupera e atualiza a trajetória do jornalista que contou a história de Fidel, então um desconhecido guerrilheiro. O foco sai do personagem principal comum aos outros veículos de comunicação, e quem assume a reportagem é outro, aparentemente secundário.

Nesse caso, é preciso considerar que, no caso da *piuí*, as narrativas se aproximam do público à medida que extraem o singular do próprio cotidiano retratado, ou seja, de algo comum a todos. É o que a pesquisadora Cremilda Medina (1986) chama de humanização, que é um processo de seleção de determinados traços do indivíduo ou de uma situação, com o objetivo de pôr em destaque a vivência humana comum e em geral.

Outro exemplo que ilustra a humanização é a reportagem “A peste”, da edição de maio de 2007. O tema – tortura – é contado a partir da história do professor Philip Zimbardo, idealizador de um experimento, realizado em 1971, que recriava a atmosfera de um cárcere em seu laboratório de psicologia, onde 24 jovens concordaram em conviver por duas semanas agindo como guardas e prisioneiros.

Enfurnado numa prisão de laboratório, construída no subsolo de uma das universidades mais prestigiosas dos Estados Unidos, o decano da cadeira de psicologia de Stanford, Philip Zimbardo, observa os alunos colocarem sacos nas cabeças de prisioneiros, submetê-los a humilhações sexuais, acorrentá-los e lançá-los num abismo emocional [...] (HARAZIM, 2007, p. 20).

A partir deste trecho, que dá início à reportagem, se desenrola toda a história da tortura, que saiu dos laboratórios e hoje ocupa o imaginário social, por meio de seriados como *24 horas*, e a realidade americana na suposta guerra contra o terrorismo.

A pluralidade de fontes e a centralidade das fontes oficiais é outro fator que norteia o pensamento de Tuchman (1983), como explicação para certas estratégias das rotinas profissionais. Ao contrário, no caso de *piuí* há inúmeros perfis, que não necessariamente trazem muitas fontes, e há o privilégio por fonte não oficiais, como na matéria “A peste”, e também em “Trilha desmatada com mel”, sobre uma depiladora que atende celebridades (CLARA, 2009, p. 34). Embora a matéria se refira às virilhas da alta roda carioca, a personagem principal é a prestadora de serviços e sua atividade especializada.

Ao admitir qualquer tema, *piuí* também extrapola os critérios de noticiabilidade, normalmente adotados por outros veículos de comunicação. A tortura, a depilação, o jornalista que inventou Fidel Castro, o caseiro Francenildo dos Santos Costa, cujo sigilo bancário foi quebrado ilegalmente em 2006,

e outros personagens e temas incomuns ganham espaço na revista.

Essa singularidade, de certa forma, é um critério de noticiabilidade adotado e pode ajudar a explicar o sucesso da publicação, já que a projeção feita no primeiro ano foi de 12 mil exemplares ao mês, mas foram vendidos 33 mil no primeiro mês, e na revista de outubro de 2009 a tiragem ultrapassava os 60 mil exemplares.

A equipe é formada pelos repórteres Consuelo Dieguez, Cristina Tardáguila, Daniela Pinheiro, Luiz Maklouf Carvalho, Paula Scarpin e Roberto Kaz e pelos editores Dorrit Harazim e Marcos Sá Corrêa. A redação ainda é composta pelo editor João Moreira Salles e o diretor de redação Mario Sergio Conti. Desta equipe, o único que não é jornalista é João Moreira Salles. De certa forma, isso evidencia uma preocupação com a formação profissional. Ao mesmo tempo, a formação pessoal, somada à linha editorial que permite o emprego da marca autoral, se reflete nas características da revista e é perceptível nos exemplos já citados. Como traz Ijuim e Urquiza (2009, p. 88),

O desafio é justamente passar a olhar o exercício do jornalismo com a mesma autoria-originalidade de um artesão. O artesão colhe a matéria-prima bruta – a madeira, a pedra, o sisal... – e talha, esculpe, trama, com cuidado, peças singulares, de valor único, carregadas de significado.

Na prática, porém, como afirma Benjamin (1994, p. 61), em sua obra intitulada “O Narrador”, há décadas a arte de narrar se encaminha para o fim. Para ele, narrar tem um sentido clássico: contar bem uma história, mas o fato da informação exigir pronta verificabilidade e que “soe plausível” fez com que essa faculdade rareasse. A justificativa de Benjamin é que sabemos as novidades do universo, mas somos pobres em histórias notáveis. “Isso ocorre porque não chega até nós nenhum fato que já não tenha sido impregnado de explicações”.

Motta (2004) complementa Benjamin, definindo narrativas como representações que dão sentido às nossas vidas, uma vez que os seres humanos carregam uma herança ancestral de relatar histórias, além de organizarem e compreenderem a realidade de modo narrativo.

Ao conhecer o pensamento de Benjamin, Motta e a *pianú* e seu objetivo de privilegiar o relato à opinião, é possível reconhecer a possibilidade de ser um epitáfio das narrativas propostas pelos autores, que, por outro lado, são otimistas ao afirmarem as múltiplas possibilidades da construção de boas narrativas.

Medina possui reflexões semelhantes às de Benjamin e Motta, argumentando que o toque criador torna-se diferencial diante de situações imprevisíveis ou aparentemente intransponíveis. Um gesto, uma palavra, uma entrega despojada, confessional, serão sempre configurações das possibilidades criativas numa relação humana difícil de enfrentar.

Como defendem Ijuim e Urquiza (2009, p. 86), “narrar a realidade compreende abrir todos os sentidos para captá-la, sempre na perspectiva de reportá-la com responsabilidade”. Em *pianú*, ao construir relatos criativos, mas com a supressão de opiniões, é evidente a preocupação com a veracidade, embora os textos se aproximem da própria literatura, em sentido e beleza.

## Considerações finais

Na medida em que *pianú* se destaca entre os veículos de comunicação e atrai a atenção de um público heterogêneo, sua singularidade motiva a necessidade de uma compreensão mais acurada sobre a construção da realidade e ganha contornos de uma problemática relevante para a academia.

A teoria construcionista é, conforme Traquina, a mais completa em relação às outras anteriores, por isso foi escolhida para apoiar este artigo. Porém, ao deparar com os textos de *pianú* e outros veículos de comunicação que surgem com propostas que se desviam da linha de estruturação dominante, fica nítida a existência de lacunas nas teorias do jornalismo.

Identificar o campo como um complexo sistema foi sem dúvida admitir a polifonia de atores responsáveis pela construção do sentido. Novamente, a engrenagem surge como exemplo para ilustrar esse imbricamento de fatores. Sem uma peça é impossível funcionar corretamente, com a mesma agilidade, o mesmo efeito.

Para além dessa argumentação, do domínio da técnica e da estética do texto, é preciso

compreender o mundo de forma mais contextualizada, com compromisso com a realidade, mas também com os outros seres humanos. Diante das constantes transformações sociais, como afirma Shoemaker (1991), cada vez mais os grupos e as organizações dependem da comunicação social para conseguir compreender os acontecimentos e saber como agir. Ao privilegiar o relato das fontes e do próprio repórter, como já citado, a revista demonstra sua preocupação de atribuir significados, como coloca Schudson (1988) sobre resultado do trabalho dos jornalistas, muito além da simples informação.

As reportagens longas ganham contornos de arte, temas como política ou economia, normalmente sérios, recebem toques de humor, e a experiência do repórter torna-se mais importante que qualquer dado.

Traquina (2001) explica que os profissionais, pelas diversas situações enfrentadas, acabam criando uma rotina previsível, ou seja, com critérios definidos, que se repetem. Possivelmente, pela flexibilidade, em *piauí* alguns temas não deixam de ser agendados, como Páscoa e Natal, mas a proposta de escrever “para quem tem um parafuso a mais”, ou seja, de forma diferente, pode explicar enfoques inusitados. A própria singularidade seria, nesse sentido, um “critério de noticiabilidade”, já que há uma busca incessante por novos significados.

Nos conceitos de Tuchman (1993), que refletiu o fazer jornalístico a partir da perspectiva do espaço, tempo e fontes, encontramos argumentos para entender a *piauí* como um diferencial. Há um tempo para a apuração, mas este não depende do *deadline* e sim do próprio repórter, que possui liberdade para trabalhar o tempo que for necessário para reunir as informações e construir o texto.

Quanto às fontes, algumas são oficiais, mas há o privilégio por desconhecidos, cuja realidade é construída por meio de significações, a maioria delas presente no cotidiano dos leitores, causando identificação e empatia. Muito mais do que fontes, são protagonistas de histórias cheias de detalhes.

Diante das características da revista, é preciso considerar que os repórteres ocupam uma posição privilegiada, em relação a centenas de outros veículos de comunicação. Trabalhar sem a pressão do tempo, com a possibilidade de empregar uma marca autoral e ousar não é comum. Porém, por meio das narrativas é possível perceber que o diferencial

não está somente nisso, mas em olhares sensíveis lançados sobre a realidade e transformados em textos que se aproximam das histórias orais contadas com a empolgação de um menino e de clássicos da literatura, embora a matéria prima seja a realidade e o resultado se chame jornalismo.

Além disso, muitos outros conceitos poderiam ilustrar a construção da realidade em *piauí*, alguns no sentido de explicar, outros de contrapor. Afinal, quando todas as pesquisas parecem ter sido feitas e o jornalismo enfim explicado, a história muda. Ganha novos personagens, novos leitores, emergem paradigmas.

Como a *piauí*, existem muitas outras manifestações de ousadia e liberdade na mídia. Para esses, como ilustrou este artigo, ainda há algumas lacunas teóricas que motivam novos estudos para compreender e acompanhar a movimentação dessa complexa relação entre sujeitos, que constrói múltiplos sentidos e é capaz instigar a sensibilidade e ganhar contornos de arte. Eis o ensejo de jornalistas e pesquisadores.

## Referências

- ALSINA, M. R. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CLARA, B. Trilha desmatada com mel. **Piauí**, n. 37, p. 34-39, out. 2009. Disponível em: <[http://www.revistapiaui.com.br/edicao\\_37/artigo\\_1158/Trilha\\_desmatada\\_com\\_mel.aspx](http://www.revistapiaui.com.br/edicao_37/artigo_1158/Trilha_desmatada_com_mel.aspx)>. Acesso em: 9 set. 2009.
- CORRÊA, M. S. Xilindró *alla volterrana*. **Piauí**, n. 14, p. 54-60, 2007. Disponível em: <[http://www.revistapiaui.com.br/edicao\\_14/artigo\\_410/Xilindro\\_alla\\_Volterrana.aspx](http://www.revistapiaui.com.br/edicao_14/artigo_410/Xilindro_alla_Volterrana.aspx)>. Acesso em: 9 set. 2009.
- D'ÁVILA, M. Voluntário número 13. **Piauí**, n. 7, p. 44-48, abril 2007. Disponível em <[http://www.revistapiaui.com.br/edicao\\_7/artigo\\_140/Voluntario\\_numero\\_13.aspx](http://www.revistapiaui.com.br/edicao_7/artigo_140/Voluntario_numero_13.aspx)>.

- FONTCUBERTA, M. de. **A notícia**: pistas para compreender o mundo. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.
- GADINI, S. **Uma perspectiva teórica construcionista nos estudos em jornalismo**. 2007. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/view/3264/3090>>. Acesso em: 29 out. 2009.
- HARAZIM, D. A peste. **Piauí**, n. 8, p. 20-21, maio 2007. Disponível em: <[http://www.revistapiaui.com.br/edicao\\_8/artigo\\_17/A\\_peste.aspx](http://www.revistapiaui.com.br/edicao_8/artigo_17/A_peste.aspx)>. Acesso em: 9 set. 2009.
- IJUIM, J. K.; URQUIZA, M. Autoria e humanização em Neide Duarte. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, ano 6, n. 1, p. 85-97, 2009.
- MEDINA, C. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.
- MOTTA, L. G. **Narratologia**: análise da narrativa jornalística. Brasília: Casa das Musas, 2004.
- PIAÚÍ. Rio de Janeiro: Editora Alvinegra, n. 34, jul. 2009. Capa.
- SALLES, J. M. **João Moreira Salles fala sobre revista piauí e evita o jornalismo literário**. 2007. Disponível em: <http://www.comunique-se.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=36409&Editoria=8&Op2=1&Op3=0&pid=52548226756&fnt=fntnl>. Acesso em: 12 out. 2009.
- SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SCHUDSON, M. Porque é que as notícias são como são? **Comunicação e Linguagens**, n. 8, p. 17-27, 1988.
- SHOEMAKER, P. **Gatekeeping**. Newbury Park: Sage Publications, 1991.
- SOUSA, J. P. de. **Construindo uma teoria multifatorial da notícia como uma teoria do jornalismo**. 2004. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>. Acesso em: 10 dez. 2009.
- TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e 'estórias'. Tradução de Luís Manuel Dionísio. Lisboa: Vega, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo I**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- TUCHMAN, G. **Making news**: a study in construction of reality. New York: The Free Press, 1978.
- \_\_\_\_\_. **La producción de la noticia**: estudo sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gili, 1983.
- \_\_\_\_\_. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993.

Recebido: 15/12/2009

Received: 12/15/2009

Aprovado: 10/03/2010

Approved: 03/10/2010